

DESDE ANTES DO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida²

RESUMO

O texto traz reflexões sobre alguns estudos de cunho dialetológico realizados na região cuiabana, em Mato Grosso, e, em andamento, na região do médio Tietê, em São Paulo. A intenção é continuar mostrando que algumas realizações fonéticas no nosso diversificado modo *brasileiro* de falar o português – reconhecidamente e evidentemente distinto do modo *européu*, *africano* e *asiático* de também falar o mesmo português – não podem ser tratadas como processos surgidos exclusivamente em terras brasileiras por conta da nossa história social: contexto em que índios e negros falavam o língua portuguesa, introduzindo nela realizações sonoras, lexicais e sintagmáticas supostamente nunca ditas e ouvidas ou escritas e lidas antes.

Palavras-chave: dialeto caipira, fonética, variação e mudança.

1. Introdução

É significativo o testemunho de Cintra (1995, p. 7-15), datado de 1962. Diz ele que, no tão amplo terreno da linguística, se mais nada cultivasse a sua atenção, a experiência dialetológica seria por si só suficiente para obrigá-lo a reconhecer e reafirmar que valeu a pena o ramo de estudos para onde a vida o conduziu. Isso é fato. Porque quem experimenta fazer pesquisa nessa área, por pouco tempo que seja, percebe logo que, além do interesse científico pelo estudo dos falares regionais e/ou locais, desperta outro muito nobre: é o interesse pelo humano ou pela gente que são agentes desses falares.

As investigações que se guiam pelo método geolinguístico transportam – naturalmente em seu imo – relatos diversos que fotografam a realidade sociocultural desses agentes, em épocas e espaços distintos. São esses relatos que refletem o

¹ Este artigo reproduz, com breves alterações, Santiago-Almeida (2012, p. 272-286).

² Professor-Pesquisador USP/FAPESP/CNPq, Doutor e Livre-Docente pela Universidade de São Paulo. E-mail: msantiago@usp.br

vernáculo de comunidades linguísticas, juntamente com seus arquétipos socioculturais, incluindo-se, evidentemente, neles, por exemplo, as noções de valores e não valores morais e éticos desses grupos. São pesquisas, portanto, que deixam tangíveis os contextos ou ambientes de contato cultural pelos quais essas comunidades se moveram e, conseqüentemente, constituíram sua história sociocultural e linguística.

2. Sobre o falar cuiabano

Foi assim, alicerçado na história social, que o projeto Filologia Bandeirante – base do itinerário relatado neste texto – elegeu as regiões por onde caminhou.³

Ainda em fase de acomodação do projeto em Mato Grosso, realizou-se, em março de 1998, uma pesquisa-estágio no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, sob a tutela de João Saramago⁴. Desse estágio vieram auxílios em favor da pesquisa de campo. Foram questões relacionadas aos seguintes assuntos: (i) emprego de entrevistas direta e indireta; (ii) elaboração e aplicação de questionário linguístico; (iii) escolha de equipamento, de pontos de inquérito e de sujeitos da pesquisa; e (iv) coleta, transcrição e aproveitamento de materiais.

Surgiram desse projeto, dentre outros resultados de autoria deste articulista, as teses de doutorado (2000) e de livre-docência (2009), da quais vale destacar partes das considerações finais desta última (p. 123-32) e, via Santiago-Almeida & Toledo Neto (2010, p. 119-40), também da primeira.

Retome-se, especificamente, o texto de Cunha (1986) que trata da *Conservação e inovação no português do Brasil*. Partindo da tese a respeito da unidade e arcaicidade do português brasileiro de Silva Neto (1950), e retomando características que têm sido consideradas provas de seu caráter conservador apresentadas por Melo (1946), Cunha (1986, p. 200) procura mostrar que, “se o mito da unidade tem sido desmentido pela publicação de atlas linguísticos, o mito da arcaicidade parece mais resistente”.

³ O projeto Filologia Bandeirante (1996-2000), que recebeu financiamento da FAPESP, e foi coordenado pelo professor Heitor Megale, constituiu-se como projeto temático de equipe para coleta de material linguístico, acompanhado de estudos para identificação, análise e tabulação de dados fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos pertencentes a uma ou mais fases da língua portuguesa hipoteticamente preservados em localidades situadas nas trilhas das bandeiras e monções paulistas de fins do século XVII e também do século XVIII. Geograficamente, portanto, a pesquisa cobriu partes dos territórios de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. (COHEN et al., 1997, p. 79-94).

⁴ Autor de *Le parler de l'île de Corvo – Açores* (1992).

Certo é que o português falado na região popularmente conhecida como Baixada Cuiabana não é o retrato literal da variedade portuguesa que por lá chegou nos princípios do século XVIII e, muito menos ainda, de qualquer outro estágio da língua, como o arcaico, por exemplo. Todavia, pelo que se tem colhido em pesquisas de campo desde o início do Filologia Bandeirante, a resistência do “mito” da conservação ou manutenção de traços antigos – dentre eles, do período arcaico da língua, no português da região cuiabana, assim como no Brasil – tende a ser confirmada. Essa conclusão, no entanto, vai além do nível mitológico por si mesmo, porque está alicerçada em resultados de observações tratadas e comprovadas cientificamente, em pesquisas de campo.

Levando-se em conta a situação linguística no início da colonização, conforme Cunha (1986, p. 202-04), o português começou a ser difundido de fato no Brasil, mas ainda não intensamente, em 1532, com a instituição das capitanias hereditárias. Desde então (no século XVI e continuando nos séculos XVII e XVIII), é verdade que vieram indivíduos de distintas regiões de Portugal, que naturalmente falavam a língua com as variedades de seu tempo, com matizes mais conservadores ou mais inovadores conforme as áreas de procedência. Não é de hoje que a literatura linguística tem difundido que o norte português é conservador, e se contrapõe a um sul inovador. E que também, teoricamente, essa norma sulista – que representava o modelo seletivo, por ser a norma de prestígio – tinha maior poder de expansão, não precisando, portanto, de ser a de maior número de falantes nela radicados para ser implantada com mais contundência do que a variedade nortista (sem a anulação total desta) no Brasil.

Crete da supremacia da variedade do sul, Cunha (1986, p. 202) afirma ainda que “não apenas a língua culta, mas também a língua comum dos brasileiros, funda-se nessa neológica norma sulista dos séculos XVI e XVII”, facilmente demonstrável assim na fonologia como na morfologia e na sintaxe, e que as divergências encontradas entre aquela e a atual norma brasileira são devidas a posteriores evoluções, tanto paralelas quanto distintas, em virtude, principalmente, do contato com outras línguas, como as dos índios e as trazidas pelos africanos.

No decorrer desses séculos as condições socioculturais no Brasil, principalmente em regiões interioranas, foram mais propícias à conservação ou manutenção do que a renovação ou inovação. Isso, no dizer de Cunha (*idem*), é “de uma evidência que

dispensa maior comprovação”, porque tendo vivido mais de trezentos anos sem contato duradouro com culturas de outros povos, sem imprensa, sem núcleos culturais de importância, e com pouquíssimas escolas, o Brasil foi criando, nesse vasto período, condições sociais que conseqüentemente levam os povos a “estados linguísticos paralisantes”.⁵

Pode-se inferir que na região cuiabana, que passou a ser colonizada a partir da mineração (no início do século XVIII, quando várias entradas foram organizadas, partindo de São Paulo), as condições socioculturais não eram diferentes das descritas por Cunha (1986). E essa condição intensificou-se mais ainda com fim da mineração fértil, quando os muitos vilarejos, surgidos pelos caminhos bandeirantes e monçoeiros, entraram decadência. Somado o fato de estarem afastados de outras vilas e centros de maior aglomeração humana, implicando em carência de contatos com mais variadas culturas, tenderam a permanecer com seus costumes, manifestações culturais e religiosas e, conseqüentemente, com a variedade linguística próxima daquele tempo.

Esse estado, chamado por Cunha (1986, p. 203) de “imobilismo cultural”, ainda hoje muito sensível em regiões do interior brasileiro, contribuiu para que se encontrem ainda nos dias atuais, no falar cuiabano, algumas realizações fonéticas pertencentes a estágios antigos da língua portuguesa – do arcaico ao século XVIII, quase todos comuns também no português popular falado no Brasil.⁶

Com base na literatura da história da língua portuguesa (LITHL), incluindo documentos manuscritos setecentistas (MSS), destacam-se, aqui, como hipótese de manutenção em variedades do português brasileiro (PB), sete realizações vocálicas e uma consonantal. O objetivo é, considerando a história social, reafirmar o ponto de vista de que na variedade cuiabana e, por extensão, no PB, é possível registrar, no estágio contínuo de variação, a manutenção de processos fonológicos descritos com mais frequência em fases anteriores da língua portuguesa, desde o galego-português. Quer dizer: são realizações que não surgiram exclusivamente em território brasileiro.

⁵ Esclareça-se que neste ponto de vista está sendo considerando a variedade brasileira que foi produto da convivência do português europeu com as línguas indígenas e africanas somente, sem levar em conta outras situações posteriores de contatos pelos quais passaram determinadas regiões brasileiras. Como, por exemplo, o que ocorreu com italianos em São Paulo.

⁶ Faz-se referência às realizações presentes em estágios anteriores do português que, depois do estado de variação, foram substituídas por formas concorrentes, e, conseqüentemente, deixaram de ser usuais, frequentes, recorrentes, nas normas ou variedades atuais do Brasil e Portugal. Falta, porém, neste estudo o cotejo mais apurado e sistemático das variedades do português da África e da Ásia, incluindo os crioulos de base portuguesa.

Portanto, não devem ser consideradas como resultado das influências de línguas indígenas, nem africanas no PB.

2.1. Vogais tônicas

| I) Vogal oral tônica e pretônica | Realização |
|----------------------------------|------------|
| /a/ | [ɛ]/[e] |

O alçamento ocorrido na realização tônica de r[ɛ]lo no lugar de r[a]lo e na pretônica r[e]lou em vez de r[a]lou, na fala do cuiabano, foi encontrado, em MSS, apenas com /a/ em posição pretônica: r[e]zão que convive com a forma r[a]zão.

Na LITHL, esse mesmo processo, com exemplos idênticos, também foi anotado por Amaral (1976, p. 175 e 177), no dialeto caipira paulista. Penha (1997, p. 36), que considera ser esse alçamento exemplo de traço de língua antiga, também identifica a realização apenas em vogais pretônicas na linguagem rural do bairro de São Domingos no município sul mineiro de Elói Mendes, dando como exemplo, dentre outros vocábulos, r[ɛ]lar, r[ɛ]lé, e r[e]zão.

Dependendo do ponto de vista de quem analisa, esse alçamento pode constituir caso de arquifonema vocálico em posição tônica – em que a oposição fonêmica entre /a/ e /ɛ/ se neutraliza – ou pode ser considerado simplesmente caso de alofonia a ser observado apenas no nível fonético.

| II) Vogal oral tônica | Realização |
|-----------------------|------------|
| /ɛ/ | [i] |

Esse outro alçamento registrado na realização de s[i]gue na fala cuiabana, na LITHL, também foi descrito por Penha (1997, p. 93-95) como mais um exemplo de traço de língua antiga preservado na linguagem de São Domingos. Além de s[i]gue,

destaca ainda desp[i]de e rep[i]te.

Pela estrutura fonológica desses vocábulos, pode-se levantar a hipótese de que em todos eles está agindo o processo da metafonia, em que o fonema /e/, em sílaba tônica, assimila o traço mais alto do /e/, átono final, realizado [ɪ].

Neste caso, também dependendo do ponto de vista teórico, há igualmente a constituição de arquifonema vocálico em posição tônica, porque o contraste fonêmico entre /e/ e /i/ é anulado.

| III) Vogal oral tônica | Realização |
|------------------------|------------|
| /e/ | [ɪ] |

O abaixamento do timbre nas realizações de b[ɛ]bo e m[ɛ]xo no falar cuiabano, como nos casos anteriores, dependendo do ponto da direção teórica, também pode ser considerado como caso de arquifonema vocálico em posição tônica, dada a perda de oposição fonêmica entre /e/ e /ɛ/.

Esse processo, na LITHL, conforme Maia (1986, p. 342), está presente nas atuais variedades da região portuguesa de Entre-Douro-e-Minho e em grande parte das variedades modernas do galego, e é considerado como resultado da conservação de antigas formas, nas quais, por hipótese, a metafonia não atuou.

| IV) Vogal nasalada tônica | Realização |
|---------------------------|------------|
| /aN/ | [a:] |

As realizações de /aN/ em c[a:]mara, cant[a:]ndo, l[a:]mina, e l[a:]ma desnasalado, com timbre aberto, baixo, e alongado, na variedade cuiabana, também são registradas, conforme Maia (1986, p. 316-17), na atual variedade de Entre-Douro-e-Minho, região caracterizada pelo seu conservadorismo e feição arcaizante.

Esses exemplos sugerem que também no Brasil, pelo menos na área estudada,

pode-se registrar a oposição do timbre aberto e fechado na vogal /a/ seguida de consoante nasal. Fato que não é assim tão reconhecido. Teyssier (1997, p. 81), por exemplo, afirma que “na pronúncia mais corrente não existe no português do Brasil a oposição entre os timbres abertos e fechados” da vogal /a/ seguida de uma consoante nasal: “ocorre, nesse caso, apenas o timbre fechado”.

Tomando-se os mesmos e únicos exemplos utilizados por Teyssier (idem), Maia (1986, p. 314), e Silva (1991, p. 49), pode-se concluir, como eles, que no Brasil não há essa oposição de timbre no /a/ tônico seguido de sílaba em cujo ataque ou onset há fonema nasal. No falar cuiabano, em princípio, também não há oposição fonológica entre as primeiras pessoas do plural no presente e no pretérito perfeito dos verbos da primeira conjugação, como se faz na língua da zona central de Portugal: -[ẽ]mos, fechado, para o presente, e -[a]mos, aberto, para o pretérito perfeito. Em ambos os tempos, via de regra, o /a/ apresenta-se [ẽ], nasalado e, conseqüentemente, com timbre fechado. Entretanto, essas realizações nasaladas e fechadas podem ocorrer, como nos exemplos destacados, assemelhando-se ao português da região de Entre-Douro-e-Minho, que para esses dois tempos verbais só conhece a terminação -[a]mos.

Essa variação no português cuiabano é possível, porque o que está em jogo não é a distinção entre os referidos tempos verbais. Sua ocorrência extrapola esse nível morfo-fonológico. A tendência ao alongamento e, por consequência, à manutenção do timbre aberto dessa vogal, neutralizando assim sua eventual nasalidade, pode ser entendida no nível estilístico, considerando o grau de expressividade do contexto em que ocorre o alongamento de /a/.

No trecho, donde foi extraído, fica evidente o motivo de o falante recorrer a esse recurso, com a finalidade de expressar, no discurso, o esforço que despendeu para fazer a ordenha na chuva e na lama: “Eu entrei lá trabalhando direito. Eu tirando leite com uma chubar[a:]da, uma l[a:]ma, o curral todo molh[a:]do”.

2.2. Vogais átonas

| I) Vogal oral átona | Realização |
|---------------------|------------|
| /e/ | [u] |

A realização [u], no falar cuiabano, em sílaba pretônica, como em s[u]mana, também pode ser constatada, em MSS, nas ocorrências de **pollo** no lugar de pelo, e **sommana** em vez de semana.

Na LITHL, o processo também foi anotado por Penha (1997, p. 56-58) em São Domingos, como exemplo fácil de ser encontrado em vários textos antigos, como o volume III de *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil* – obra organizada por Leite (1954, p. 295). Também encontra registro em Amaral (1976, p. 181-82), que abona a ocorrência com este trecho da *Tragicomedia Pastoril da Serra da Estrela*, de Gil Vicente (1465? - 1537): “A nouilha vou buscar, viste ma tu ca andar? – Nam na vi esta somana.” (*Compilação*, 1562, fol. CLXXI).

| II) Vogal oral átona | Realização |
|----------------------|------------|
| /i/ | [e] |

O abaixamento do timbre de /i/, com realização [e], na fala do cuiabano, encontra exemplos nas sílabas pretônicas de [e]rmão, [e]rmã, [e]rmandade, d[e]versão, e d[e]ferente.

Em MSS ocorrem com frequência estas formas: **deligencia**, **mellitares**, **creação**, **prezionar**, **cometiuâ**, **cegueria**, **deficultozo**, **noteciarem**, **destricto**, **enacçessivel**, **princepe**, **offeciaes**. Mas há também: **diligencia**, **militares**, **criação**, **prisseasonaraõ**, **comitiva**, **ceguiria**, **difficultozo**, **noticiarem**, **districto**, **inacçessivel**, **principe**, **officiaes**.

Pode-se inferir que seja apenas uma variação no nível da escrita, não caracterizando, necessariamente, variação na fala. Porém, levando em conta as realizações atuais, somadas às considerações da LITHL, podem-se listar os alofones [e] e [i] para o fonema /i/ também no português fala do século XVIII.

Conforme Cruz (1991, p. 35), trata-se de um processo muito generalizado na

linguagem popular de Portugal, particularmente em Monsanto e em vários falares do Alentejo, do Algarve e nos Açores. Ratifica-se, dessa forma, a produtividade dessa realização em Portugal, considerando que Vasconcelos (1901, p. 102), já se referira a ela como caracterizadora dos falares meridionais portugueses. No Brasil, além dos exemplos, como *deferença* e *deferente*, levantados por Amaral (1976, p. 125) no dialeto caipira paulista, Penha (1997, p. 61-67) também registra a mesma realização no falar rural do sul de Minas e em mais de vinte escritores dos séculos XVI e XVII.

Todos esses autores consideram essa realização como traço de pronúncia antiga. Mas pela generalização do fone [e] apontada por Cruz (*idem*) na variedade popular portuguesa, pode-se até dizer o contrário, porque parece ainda estar em estágio de variação com o fone [i]. Restringindo-se, porém, a vocábulos isolados, como [e]rmão e seus derivados, a hipótese de considerar essa pronúncia como exemplo de manutenção no falar cuiabano se fortalece.

| III) Vogal oral átona | Realização |
|-----------------------|------------|
| /u/ | [uj] |

A realização ditongada no português cuiabano observada em *esc[uj]tei*, também foi listada, em sílaba tônica, por Aguilera (1994, p. 255) no Paraná, em *fr[uj]ta*, e de mesmo modo por Penha (1997, p. 90) como resquício de língua antiga no falar rural do sul mineiro. Para tanto, recorre, dentre outros autores, a Luís de Camões (1524-1580), donde extrai “*Promptos estavam todos esc[uj]tando*” de *Os Lusíadas* (1572, verso 1, estrofe 3, canto III).

3. Sobre o dialeto caipira

Também é na história social onde se finca a afirmação de que a variedade caipira do PB, descrita por Amadeu Amaral em 1920 (data da primeira edição de *O dialeto caipira*), surgiu do contato cultural ocorrido em terras paulistas, desde os primeiros anos da colonização portuguesa, tendo suas bases na chamada “língua geral” da costa

brasileira. Por essa via caminham quase todos – senão todos – os estudos acerca da língua portuguesa quando tratam da formação do PB.⁷

Toda variedade linguística, como se sabe, surge e passa por diversas e contínuas mudanças no decorrer de sua história. Entenda-se: a história social da comunidade que dela se utiliza. Partindo desse princípio, pode-se dizer, sem temer a incoerência, que o que se conhece hoje como dialeto caipira, restringindo-se ao paulista, é resultado de uma cultura de miscigenação entre índios e não índios. Quer dizer: nasceu em núcleos familiares paulistas – que, em sua maioria, eram compostos por portugueses vindos de diferentes regiões de Portugal, índios de diferentes etnias, e seus filhos mamelucos (descendentes desse contato étnico, social e cultural) – ainda nos séculos XVI e XVII.

Esse dialeto está em formação desde esses primeiros contatos ocorridos na extensa região do então planalto de Piratininga entre falantes da língua portuguesa e das muitas línguas indígenas. Seja do tronco tupi ou tupi-guarani (base da dita “língua geral” da costa brasileira), seja do tronco macrojê – do qual nenhuma de suas línguas tem sido considerada base de “língua geral” alguma.

A partir dos séculos XVII e XVIII, essa variedade se expandiu para o interior, tanto paulista, quanto brasileiro. Principalmente para Minas Gerais e para o centro-oeste do Brasil, tendo como caminho as águas do Tietê, dentre outras vias fluviais e terrestres, pela ação dos bandeirantes e monçoeiros. E, ao mesmo tempo, também para a região sul do Brasil, pela rota dos tropeiros.

A partir daí, pode-se rever algo, que é do senso comum, como dizer que o dialeto caipira nasceu no interior paulista – mais especificamente na área conhecida como Médio Tietê, que inclui as regiões de Campinas, Piracicaba e Sorocaba. Quem tende a pensar assim está vendo apenas pela ótica sincrônica, fazendo um recorte no tempo, em um contexto presente. O que é natural e compreensível. Mas deve-se enxergar também pela ótica diacrônica. Para isso, é preciso levar em conta a história social de São Paulo desde o princípio,⁸ sem deixar de observar, com vagar, todo percurso histórico da origem e formação do que hoje é o estado de São Paulo, sua capital e seu interior.

⁷ Cf. Holanda (1936), (1986) e (1990); Silva Neto (1963); Melo (1971); Câmara Jr. (1975); Houaiss (1992); Rodrigues (1993), Ribeiro (1995), dentre outros não menos importantes.

⁸ Cf. Oliveira (2009, p. 185-208).

Pensar apenas no presente, é o mesmo que considerar que essa variedade do PB seja fruto somente de ações recentes. Há um equívoco nessa postura, porque, dessa maneira, enxergam-se as regiões da capital e, da mesma forma, do interior como são hoje. Considerando, no entanto, todos os aspectos históricos, sociais, culturais desde os primeiros contatos linguísticos ocorridos onde hoje está a cidade de São Paulo, ainda no século XVI, quando a região ainda não era a capital, é possível perceber que o dialeto ou variedade caipira, teve sua origem em lugar distinto do que hoje se conhece como interior.

3.1. O caso do rotacismo

Mesmo assim, considerando ações mais antigas, é comum haver pressa em dizer que o rotacismo, processo fonológico ou metaplasmo bastante produtivo no dialeto caipira, resulta da herança linguístico-cultural alicerçada nas culturas e línguas indígenas e africanas.

A passagem de /l/ a /R/ no grupo formado por consoante + /l/ é destacada por Huber (1933, p. 143) como característica do português antigo que ele descreve. E Penha (1970, p. 33), além de ratificar Huber, confere que se trata de um processo bastante frequente em falares interioranos no Brasil.

Embora esse processo também seja registrado por Vasconcelos (1901), que explicitamente o identifica como traço de variedades regionais do PB – como, supostamente, seria o caso do dialeto caipira descrito por Amaral (1976, p. 52), Cunha (1986, p. 211) lembra que o rotacismo representa uma tendência românica muito difundida, tendo sido uma evolução normal dos grupos de /l/ do latim para o português, tais como as formas arcaicas [kr]aro < [kl]aru, e [fr]or ou [fr]ol < [fl]ore. Em versões de os Lusíadas (1572), de Luís de Camões, que mantêm a ortografia das primeiras edições, encontra-se, em onset geminado, “fautas” (verso 6, estrofe 64, canto XIX) no lugar de “flautas”. E também, em coda silábica, a ocorrência de “berzebuu” no lugar de “belzebu”, no Auto da Barca do Inferno (1517/19, verso 12), de Gil Vicente.

Trata-se, portanto, de um processo fonológico que não pode ser lido como influência exclusiva do contato entre o português e as línguas indígenas brasileiras que, no máximo, somando-se a outras variáveis sociais, podem ter contribuído para que essa característica românica tenha prevalecido com maior ou menor intensidade numa e

noutra região do Brasil⁹. Não sendo, dessa maneira, traço restrito do dialeto caipira paulista.

Disso tudo constata-se que algumas realizações fonéticas encontradas no diversificado modo “brasileiro” de falar o português – evidentemente distinto do modo “europeu”, “africano” e “asiático” de também falar a mesma língua portuguesa – não podem ser tratadas como processos surgidos exclusivamente em terras brasileiras por conta da sua história social: contexto em que indígenas e africanos falavam o português, introduzindo nele realizações sonoras, lexicais e sintáticas supostamente nunca ditas e ouvidas ou escritas e lidas antes.

Certo é que – através de textos manuscritos e impressos de tipologia e datação variadas e, também, das características geral e específica das variedades do PB colhidas nos relatos e respostas de seus agentes – pode-se trazer, para o presente, elementos da história social brasileira de determinado momento pretérito, e aflorar, do seu interior, memórias do itinerário cultural e linguístico dos brasileiros. Em parte, isso será possível de se fazer assim que for publicado o Atlas Linguístico do Brasil.

São memórias capazes de desvendar o que, numa leitura célere, asinha, rápida, pode parecer inteligível para muitos, sem muita contestação. Mas, com olhar demorado, essas memórias podem possibilitar a (re)interpretação de conceitos e preconceitos que são, às vezes, ditados como dogmas ou verdades absolutas. Se, no mínimo, as memórias registradas nesses textos, relatos e respostas provocarem interrogações, pode-se reconhecer e dizer que o testemunho de Cintra [1962] tornou-se eco infindo.

4. Considerações finais

Façamos uma pausa, apenas, mas cientes de que em pesquisa linguística – principalmente quando se discute a variedade de uma dada língua, correndo o risco de lhe imprimir um único selo ou de caracterizá-la por apenas uma de suas multifaces – o que se pode destacar, dentro do redemoinho da variação e mudança infinitas de uma língua, são tendências para o maior ou menor grau de inclinação para uma ou outra de suas faces. E por ser a língua produto de ações históricas, sociais e culturais de seus

⁹ Cf. Aguilera (1994), Koch et al. (2002), e Zambotto-Lima e al. (2009).

falantes ou agentes, podemos rumar por caminhos tão diversos, quão diversas sejam essas ações históricas, sociais e culturais.

Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas linguístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.

AMARAL, Amadeu [1920]. *O dialeto caipira*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1976.

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão Editora, 1975.

CINTRA, Luís Filipe Lindley [1962]. *Estudos de dialectologia portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1995.

COHEN, Maria Antonieta et alii. Filologia bandeirante. *Filologia e linguística portuguesa*. São Paulo, n. 1, 1997. p. 79-94.

CRUZ, Maria Luisa Segura da. *O falar de Odeleite*. Lisboa: INIC; CLUL, 1991.

CUNHA, Celso Ferreira da. Conservação e inovação no português do Brasil. *O Eixo e a Roda*. Belo Horizonte, n. 5, 1986. p. 199-230.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936.

_____. *O extremo oeste*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Revan, 1992.

HUBER, Joseph. *Gramática do português antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1933.

KOCH, Walter et alii (Orgs.). *Atlas linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. Vol. 2 – Cartas fonéticas e morfossintáticas. Porto alegre; Florianópolis; Curitiba: EdUFRGS; EdUFSC; EdUFPR, 2002.

LEITE, Serafim. *Cartas dos Primeiros jesuítas do Brasil*. Vol. III. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954.

MAIA, Clarinda de Azevedo. *História do galego-português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; JNICT, 1986.

MELO, Gladstone Chaves de [1946]. *A Língua do Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

_____. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

OLIVEIRA, Marilza de. Para a história social da língua portuguesa em São Paulo: séculos XVI-XVIII. In: A.T. de Castilho. *História do português paulista*. Vol. 1. Campinas/São Paulo: IEL/FAPESP, 2009. p. 185-208.

PENHA, João Alves Pereira. *A arcaicidade da língua popular brasileira*. Franca, 1970. Tese (Doutorado em Letras) – FFLCH.

_____. *Português rural de Minas numa visão tridimensional: na fala, nos textos regionais, nos escritores antigos*. Franca: UNESP, 1997.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro; a formação e sentido do Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Delta* 9(1), 1993. p. 83-103.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Aspectos fonológicos do português falado na Baixada Cuiabana: traços de língua antiga preservados no Brasil*. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – FFLCH, USP.

_____. *Vogais do falar ribeirinho cuiabano*. São Paulo, 2009. Tese (Livre-Docência em Filologia e Língua Portuguesa) – FFLCH, USP.

_____; TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. Variedade do português brasileiro na trilha das bandeiras paulistas. O que há de indígena em corpora do projeto Filologia Bandeirante. In: Volker Noll; Wolf Dietrich. (Org.). *O português e o tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 119-140.

_____. Sobre o Falar Cuiabano e o Dialeto Caipira. In: F. C. Altino. (Org.). *Múltiplos olhares sobre a diversidade linguística: uma homenagem à Vanderci de Andrade Aguilera*. Londrina: Midiograf, 2012, v. 1, p. 272-286.

SARAMAGO, João. *Le parler de l’île de Corvo – Açores*, Lisboa: INIC; CLUL; Université Stendhal-Grenoble III – Centre de dialectologie, 1992.

SILVA Neto, Serafim da [1950]. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos. *O português arcaico. Fonologia*. São Paulo: Contexto, 1991.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 7ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1997.

VASCONCELOS, José Leite de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Paris: Aillaud e Cie, 1901.

ZAMBOTTO-LIMA, Criseida Rowena et alii. O vigor do rotacismo na Baixada Cuiabana. In: Moraes, Maria A. C. R. T; Andrade, M. L. da C. V. de O. (Orgs.). *História do português paulista*. Vol. 2. Campinas; São Paulo: Unicamp/Publicações IEL; FAPESP, 2009. p. 293-305.

SINCE BEFORE THE BRAZILIAN PORTUGUESE

ABSTRACT

The paper presents a reflexion on some studies - of dialectology nature- conducted in the Cuiabá's region, Mato Grosso, and progress in the area of the middle Tietê, in São Paulo. The intention is to continue showing that some phonetic realizations in our diverse *Brazilian way* of speaking Portuguese - recognized and evidently distinguished from known European, African and Asian manner speak of the same Portuguese - can not be treated as proceedings appearing exclusively in Brazilian territory due to our social history: context in which Indians and Blacks spoke Portuguese, introducing on her accomplishments sound, lexical and syntagmatic supposedly never spoken and heard or written and read before.

Keywords: caipira dialect, phonetics, variation and change.

Recebido em 17/11/2013.

Aprovado em 20/11/2013.